

KARL
MARX

KARL MARX

UMA BIOGRAFIA

JOSÉ PAULO NETTO



© Boitempo, 2020
© José Paulo Netto, 2020

Todos os direitos reservados.

Direção-geral Ivana Jinkings
Edição Isabella Marcatti, Carolina Mercês e Thais Rimkus
Edição dos cadernos de imagens Pedro Davoglio
Coordenação de produção Livia Campos
Assistência editorial Carolina Hidalgo Castelani
Preparação Mariana Zanini
Revisão Sílvia Balderama Nara
Diagramação Antonio Kehl
Capa Maikon Nery

Equipe de apoio Artur Renzo, Débora Rodrigues, Dharla Soares, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Ivam Oliveira, Kim Doria, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marissol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Raí Alves, Tulio Candiotto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N389k

Netto, José Paulo, 1947-

Karl Marx : uma biografia / José Paulo Netto. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-65-5717-033-5

1. Marx, Karl, 1818-1883. 2. Comunistas - Biografia - Alemanha.
3. Filósofos - Biografia - Alemanha. I. Título.

20-66896

CDD: 920.93354

CDU: 929:330.85

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

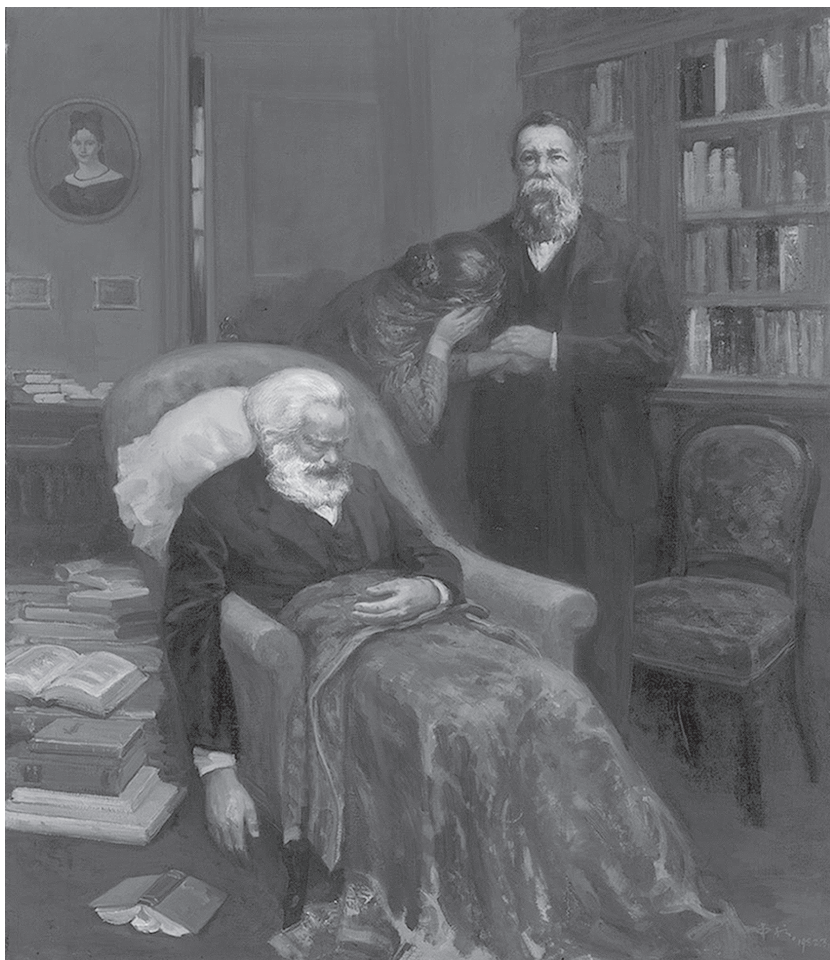
1ª edição: novembro de 2020

BOITEMPO
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 | 3875-7285
editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br
www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo
www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/tvboitempo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, JOÃO ANTONIO DE PAULA.....	11
NOTA DO AUTOR	31
 I – ADEUS À MISÉRIA ALEMÃ (1818-1843).....	37
Os primeiros anos: Trier, 1818-1835.....	39
Dois semestres de boêmia: Bonn, 1835-1836	43
Os anos de Berlim: de 1836-1837 a meados de 1841.....	45
A <i>Gazeta Renana</i> : de meados de 1841 a março de 1843.....	60
Kreuznach: de maio a outubro-novembro de 1843	66
 II – PARIS: A DESCOBERTA DO GRANDE MUNDO (1843-1844).....	77
O primeiro trimestre em Paris e a crítica a Hegel	78
O mundo dos trabalhadores e a polêmica com Ruge: de janeiro a agosto de 1844 ..	84
Os <i>Cadernos de Paris</i>	88
Os <i>Manuscritos econômico-filosóficos de 1844</i>	100
O encontro histórico e <i>A sagrada família</i>	131
 III – BRUXELAS: A RELAÇÃO ORGÂNICA COM A CLASSE OPERÁRIA (1845-1848)	141
Bruxelas: um exílio tranquilo	142
As <i>Teses sobre Feuerbach</i> e a viagem à Inglaterra	144
A <i>ideologia alemã</i>	153
A relação orgânica com a classe operária e a produção teórica.....	171
A primeira organização: o Comitê de Correspondência Comunista	172
A ruptura com Proudhon e a <i>Miséria da filosofia</i>	175
A Liga dos Comunistas.....	192
O <i>Manifesto do Partido Comunista</i>	195
De Bruxelas à revolução	203
 IV – COLÔNIA E LONDRES: REVOLUÇÃO E EXÍLIO (1848/1849-1856)	225
1848: complexidade, diferencialidade e significado da Primavera dos Povos	226
Alemanha: as classes sociais e a explosão revolucionária.....	235
Marx em Colônia: a <i>Nova Gazeta Renana</i>	239

Londres: os primeiros anos do último exílio (1849-1856)	249
A revista da <i>NGR</i> e a análise da revolução na França	251
A dissolução da Liga, o jornalismo e a continuidade das pesquisas	263
V – LONDRES: O APOGEU INTELECTUAL (1857-1867).....	273
As condições de vida da família Marx	274
A crise de 1857, pesquisas e polêmicas (Lassalle e Vogt)	276
A fundação da Internacional e o debate com Weston	290
O laboratório teórico de Marx	302
Os <i>Grundrisse</i> (1857-1858) e a <i>Contribuição à crítica da economia política</i> (1859)...	304
Os manuscritos de 1861-1863 e de 1863-1865	348
VI – LONDRES: <i>O CAPITAL</i> (1867-1881/1882)	353
O Livro I	354
Doença e pesquisa: de meados dos anos 1860 a fins dos anos 1870.....	361
O Livro II.....	366
O Livro III	371
O Livro IV	390
A obra inconclusa e a teoria social.....	397
VII – LONDRES: O <i>DOCTOR TERRORISTA VERMELHO</i> E A CRÍTICA À SOCIAL- -DEMOCRACIA (1865-1875)	401
O movimento operário, as projeções de Marx e a social-democracia.....	402
A unificação alemã e a Guerra Franco-Prussiana	409
A Comuna de Paris: <i>o assalto ao céu</i>	420
A Internacional e o confronto Marx-Bakunin	437
A crítica ao projeto do <i>Programa de Gotha</i>	452
VIII – OS ANOS DERRADEIROS (1876-1883)	461
Dores e alegrias na Maitland Park Road, n. 41	462
Novas questões, mais pesquisas: de 1876 a 1881-1882	467
Os últimos meses e o 14 de março de 1883	484
EPÍLOGO, PRÓLOGO	491
NOTAS	529
BIBLIOGRAFIA	735
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	807
SOBRE O AUTOR	815



O falecimento de Marx, em pintura de Ai Zhongxin, 1980.

EPÍLOGO, PRÓLOGO

A morte física de Marx, a 14 de março de 1883, não teve por consequência (e, quanto a isso, seu caso não é o único) o apagamento, menos ainda a redução, da sua presença no mundo. Ao contrário de assinalar o epílogo de uma existência e o esgotamento de uma obra, a morte de Marx foi, antes, o prólogo de uma série de renascimentos teóricos e políticos.

Ao longo dos últimos 120 anos – durante os quais, aliás, várias vezes sua morte teórica e política foi reiteradamente anunciada –, cada grande crise do capitalismo e cada crise do movimento político que Marx inspirou sinalizaram a abertura de uma nova perspectivação valorizadora e validadora da sua obra. Até mesmo segmentos burgueses letrados, aqueles aos quais um já maduro Keynes declarou alinhar-se nas lutas de classes¹, admitem que o *old Nick* continua presente. Recordemos que, nem decorrida uma década depois do enésimo anúncio de mais uma das “mortes” de Marx (quando da queda do Muro de Berlim), à passagem do sesquicentenário do *Manifesto do Partido Comunista*, um órgão da comunicação social burguesa – por isso mesmo, insuspeito nesse domínio – era levado a constatar que “o patrimônio de Marx ressurge depois de 150 anos” (*The New York Times*, 27 jun. 1998). Lembremos também que, no olho do furacão da crise que irrompeu em 2008, outro órgão da mesma estirpe permitiu-se exclamar, referindo-se ao defunto de Highgate: “Ele voltou!” (*The Times*, 20 out. 2008).

De fato, Marx *não* teve a sua história encerrada numa urna funerária: o seu legado teórico e político, transformando o mundo do século XX e nele e com ele se transformando, manteve-se e mantém-se vivo. Inscreveu-se durável e irreversivelmente na história, na cultura e na contemporaneidade, e não há de ser uma quadra tão contrarrevolucionária como a que se abriu nas décadas finais do século passado, trazendo em seu ventre os episódios da pós-modernidade e da renovação de (velhas) teorias do “fim da história”, que fará dele um objeto de museu. O legado de Marx

resistiu e se revigorou ao longo de mais de cem anos de sistemática desqualificação pelas burguesias e seus representantes, e igualmente a pelo menos cinco décadas de deformação – durante as quais até crimes foram cometidos em seu nome – por ideólogos que o converteram em doutrina oficial da maioria das “sociedades pós-revolucionárias” (assim caracterizadas por Mészáros, 2002, p. 1.012 e seg.).

Na entrada do século XXI, o legado marxiano demonstra-se mais atual do que nunca. A crise geral sistêmica do capitalismo, cujas evidências se multiplicam e cuja perdurabilidade agrava as ameaças que pesam sobre os valores civilizacionais e sobre a própria vida sobre a Terra, só encontra uma análise teórico-crítica radical com o suporte de *O capital*. E para não se diluírem em romantismos anacrônicos, os novos sujeitos que animam inéditas atividades anticapitalistas e o renascimento dos movimentos socialistas não podem prescindir – e seguramente não vão prescindir; se o fizerem, acabarão domesticados – da teoria social de Marx, para, operando a crítica do presente, projetar alternativas futuras².

Marx e seu legado não jazem, cinzas pulverizadas, na tumba de Highgate. Estão vívidos seja nas lutas sociais em curso, seja no domínio da teoria social, tanto quanto na memória e na imaginação poéticas do século XX. O otimismo de Marx e a sua esperança quanto ao futuro da humanidade estão gravados nos poemas de Maiakóvski, de Nazim Hikmet e de Brecht, bem familiares aos velhos combatentes.

Mas o otimismo e a esperança marxianos – nada utópicos – não são exclusivos dos seus seguidores: expressam-se na livre criatividade de grandes artistas do século XX como uma alta conquista civilizatória. As novas gerações não devem minimizar esse otimismo e essa esperança, que o sábio e prudente Carlos Drummond de Andrade, tão antirromântico e nosso poeta maior, exprimiu limpidamente:

[...] esse mundo
que não verei, mas virá
um dia, dentro em mil anos,
talvez mais... não tenho pressa.
Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.
[...] Este país não é meu,

nem vosso ainda, poetas.
 Mas ele será um dia
 o país de todo homem.³

Cerca de trinta anos depois, outro poeta, John Lennon, que muito provavelmente não leu Marx – e, mais provavelmente ainda – nem Drummond, sugeriu a outra geração de jovens:

Imagine que não há paraíso.
 É fácil, se você tentar.
 Nenhum inferno abaixo da gente.
 Acima, só o céu.
 Imagine todos
 vivendo para o hoje.

Imagine que não há países.
 Não é difícil de imaginar.
 Nada por que matar ou morrer,
 e também nenhuma religião.
 Imagine todos vivendo
 a vida em paz.

Você pode dizer que eu sou um sonhador,
 mas não sou o único.
 Espero que algum dia você se junte a nós,
 e o mundo será um só.

Imagine que ninguém quer
 possuir mais nada.
 Nem sei se você consegue.
 Nenhuma fome
 ou necessidade de cobiça.
 Uma irmandade de humanos.
 Imagine todos compartilhando o mundo inteiro.

Você pode dizer que eu sou um sonhador,
 mas não sou o único.
 Espero que algum dia você se junte a nós,
 e o mundo viverá sendo um só só.⁴

Vê-se: Marx e o melhor da poesia do século XX compartilharam do mesmo otimismo e da mesma esperança. Não é insensato apostar que tanto Marx quanto grandes poetas do futuro menos imediato continuem lado a lado.

